

A primeira versão chinesa da Bíblia: uma abordagem das estratégias de tradução e interpretação no contexto da acomodação cultural

The first Chinese version of the Bible: an approach to translation and interpretation strategies in the context of cultural accommodation

Minfen Zhang

Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai

sofia@geosofia.com

ORCID 0000-0002-0210-0465

Resumo: *A Tradução Literal da Bíblia*, da autoria do jesuíta português Manuel Dias e considerada a primeira versão chinesa da *Bíblia*, depois publicada numa versão *fac-símile* desde a sua produção em 1636, representa um marco importante na historiografia missionária da Companhia de Jesus na China. É um dos primeiros trabalhos conhecidos por estabelecer uma plataforma de entendimento cultural entre o mundo cristão e o chinês, oferecendo também uma grande contribuição para a história da cultura e do relacionamento sino-ocidental. O presente texto pretende analisar as suas estratégias de tradução e interpretação no sentido de adaptar o contexto social da época para apresentar melhor a cultura católica junto do povo chinês.

Palavras-chave: Tradução e interpretação; Bíblia; Versão chinesa; Estratégias de tradução

Abstract: The *Literal Interpretation of the Bible*, authored by the Portuguese Jesuit Manuel Dias and considered the first Chinese version of the Bible, later published in a facsimile version since its production in 1636, represents a significant milestone in the missionary historiography of the Society of Jesus in China. It is one of the earliest known works to establish a platform for cultural understanding between the Christian and Chinese worlds, making a substantial contribution to the history of Sino-Western culture and relationship. This text aims to analyze its translation and interpretation strategies, focusing on their adaptation to the social context of the time to better present Catholic culture to the Chinese people.

Keywords: Translation and interpretation; Bible; Chinese version; Translation strategies

A *Bíblia* constitui não apenas a obra clássica religiosa mais generalizada de todo o mundo, como também um livro com uma ideologia religiosa muito definida que exerce uma grande influência na cultura de toda a humanidade, tendo contado com inúmeros leitores e sido traduzida em muitas línguas. «A *Bíblia* tem sido o livro mais traduzido e mais publicado do mundo» (Ren 2007:60), fazendo com que quase todas as pessoas do mundo possam lê-la na sua língua materna. Segundo as Sociedades Bíblicas Unidas, a *Bíblia* já foi traduzida para, pelo menos, 2 454 línguas e dialetos até dezembro de 2007³⁰. De acordo com o registo histórico, a tradução da *Bíblia* para diversas línguas pode remontar ao século III a.C., porém, uma parte da sua versão chinesa apenas surgiu aquando da chegada dos missionários jesuítas à China nos finais do século XVI e no início do Século XVII.

A religião cristã tem uma longa história na China, sendo introduzida pela primeira vez pelos missionários nestorianos durante a dinastia Tang, em 635. Na altura, os sacerdotes da Igreja Nestoriana chamavam a sua religião de *Jingjiao*, isto é, religião luminosa. O nestorianismo entrou em decadência cerca de 150 anos depois.

A segunda entrada do Cristianismo ocorreu em meados do século XIII, durante a dinastia Yuan, estabelecida pelos Mongóis, quando os monarcas europeus e o Vaticano enviaram, várias vezes, franciscanos e dominicanos para a China com o objetivo de pregarem a religião. Durante esses tempos, a doutrina cristã era divulgada principalmente de forma oral, recorrendo até aos conceitos do Budismo e Taoísmo, já existentes na China. Os pregadores compilaram livros para interpretar a lei cristã, mas ainda não havia tradução formal e sistemática dos textos da *Bíblia*. A divulgação do catolicismo de grande envergadura apenas acontece quando chegaram ao império chinês os missionários da Companhia de Jesus, liderados pelo padre italiano Matteo Ricci (1552-1610), que é considerado um dos fundadores da Cristandade na China e pôs em prática a política de acomodação cultural e a missionação académica, formulada pelo padre Valignano (1539-1606).

Os missionários jesuítas, muito cientes do contexto cultural em que se encontravam,

³⁰ <http://www.ubs-translations.org/>, consultado em 10/07/2020.

aperceberam-se de que, para introduzir uma religião estrangeira no império chinês, precisavam não apenas de aprender e falar a sua língua, no sentido de poder comunicar com o povo chinês e explicar-lhe de forma explícita os conceitos católicos, como também conhecer a sua cultura e respeitá-la para não suscitar sentimentos opostos dos chineses profundamente marcados pelas suas culturas, tais como Budismo, Taoísmo e Confucionismo, nomeadamente este último, que se considera reunir os princípios da ideologia chinesa. Assim, antes de irem para a China, os jesuítas tinham de estudar a língua e cultura sónicas em Macau, além de muitas outras disciplinas, com o objetivo de os ajudar na missão evangélica. Depois de chegarem à China, eles continuavam a aprofundar os seus conhecimentos tanto linguísticos quanto culturais. Nesse processo, porém, não traduziram logo a *Bíblia* para a língua chinesa, mas começaram a escrever textos e livros em que se expunham algumas doutrinas da *Bíblia* para os apresentarem aos chineses, de modo a promoverem um entendimento cultural entre o mundo chinês e o ocidental; por essa via, tentavam também demonstrar alguma semelhança entre a doutrina cristã e as obras clássicas chinesas.

Em 1584, Michael Ruggieri (1543-1607) publicou, em chinês, o primeiro catecismo intitulado *Tianzhi Shilu (Verdadeiro Tratado do Senhor do Céu)*, que foi o primeiro livro escrito em chinês, por um europeu (Witek 2001: 15-23). Mais tarde, Ricci escreveu uma obra denominada *Tianzhu Shiyi (Verdadeira Noção de Deus)*, em que citou algumas palavras dos clássicos chineses. Na observação de Ricci:

Eles, (os confucionistas) podiam pertencer ao confucionismo, também podiam ser cristãos, porque, em princípio, não contrariam as razões básicas da doutrina cristã; e a fé cristã, ajudaria grandemente a segurança e paz social a que os livros confucianos prestavam atenção, em vez de lhes trazer prejuízo (Ricci & Trigault 1983: 86-87).

A primeira versão chinesa da *Bíblia* foi feita pelo padre português Manuel Dias (1574-1649), em 1636, com o título de *Shengjing Zhijie* («Tradução Literal da Bíblia»). Trata-se de uma tradução parcial, em chinês clássico, dos quatro Evangelhos e é

considerada a primeira tradução da *Bíblia*, ainda que parcial (Ren 2007: 122). No entanto, no meio académico ocidental Manuel Dias foi quase esquecido, ou por causa de não ser tão conhecido como Matteo Ricci, Giulio Aleni (1582-1649), Adam Schall (1591-1666) além de outros jesuítas na China, ou por motivo de todas as suas obras, exceto as cartas ânuas, serem redigidas em chinês, o que dificulta muito o estudo por parte dos investigadores ocidentais. Até ao momento, só se encontram alguns (e poucos) estudos sobre *Tian Wen Lue* («Sumário de Questões sobre os Céus»)³¹. No que respeita ao estudo sobre *Shengjing Zhijie*, ou seja, a primeira versão chinesa da *Bíblia*, foi totalmente ignorado no mundo académico ocidental. Entre os investigadores chineses, pelo contrário, por considerarem a importância da primeira tradução da *Bíblia*, a obra já foi objeto de vários estudos, entre eles alguns do ponto de vista linguístico, por exemplo, *Shoubu Hanyu Shengjing Cihui Yanjiu – Yi Shengjing Zhijie Weili* («O Estudo sobre os Léxicos da Primeira Versão Chinesa da Bíblia – Os Casos de Partícula Gramatical na Tradução Literal da Bíblia» — Wang Shuofeng 2017: 82-87); *Yibu You Ouzhou Chuanjiaoshi Bianzhuan De Suoyin – Ping Yang Manuo De Shengjing Zhijie Zashi Zhi Mulu* («Um Índice Compilado pelo Missionário Europeu – Abordagem sobre o Índice da Tradução Literal da Bíblia de Manuel Dias» — Kang Zhijie 2000: 138-142). Outros autores fizeram estudos sob uma perspetiva cultural, tais como: *Wenbai Bianqian – Cong Shengjing Zhijie dao Guxin Shengjing* («Do Clássico ao Vernacular: da Tradução Literal da Bíblia à Bíblia Antiga e Nova» — Zheng, Haijuan 2015: 46-55); *Shenhua Jie Jingxue – Shipou Yang Manuo Shengjing Zhijie Li De Shenghuaxing Zhegndao Gushi* («Explicar Clássicos com Mitologia – Uma Abordagem sobre os Contos Mitológicos em *Shengjing Zhijie* de Manuel Dias» — Shixue (2002); *Wuchu Buzai de Tianzhujiao Zhongxin Zhuyi – Lun Shengjing Zhijie Fanyi Zhong de Wenhua Quxiang* («"Centralismo Católico" Omnipresente: sobre a Orientação Cultural da Tradução em *Shengjing Zhijie*» — Gao Shengbing 2014: 255-261).

³¹Cf. Leitão 2008: 99-121 e Magone 2008: 123-138.

O presente texto pretende fazer uma abordagem sobre as estratégias de tradução e interpretação desta primeira versão chinesa da *Bíblia* com análises dos textos traduzidos e as respectivas interpretações redigidas por Manuel Dias, recordando os seus contributos tanto para a missão evangélica na China, como para a apresentação e interpretação da cultura religiosa ocidental junto do povo chinês.

1. Percurso de Manuel Dias

Manuel Dias Junior, cujo nome chinês é Yang Mano, é uma das figuras importantes da Cristandade no império chinês. Nasceu em Castelo Branco, em Portugal, em 1574 e ingressou na Companhia de Jesus em 2 de fevereiro de 1593³². Antes de partir para Macau para a missão da Companhia de Jesus, estudou filosofia no Colégio Jesuíta de Coimbra, de 1596 a 1600. Partiu de Lisboa para a Índia em abril de 1601. Segundo ele próprio, viveu três anos em Goa e foi para Macau em 1604. Aí ficou seis anos no Colégio de Macau, tendo sido professor de filosofia e teologia. Entrou na parte continental da China em 1611,³³ quando começou as atividades missionárias em Shaozhou da província de Guangdong, com o padre Gaspar Ferreira (1571-1649); porém, devido à agitação social e a condições adversas à missionação ali, tiveram de abandonar a residência de Shaozhou estabelecida já há mais de 20 anos por Ricci, em 1589. Os dois padres, então, partiram rumo a Nanxiong, onde fundaram uma nova residência em 1612. Em 1613, o mandarim Li Zhizao (Leão) apresentou à Corte a urgência e necessidade de introduzir e traduzir os conhecimentos astronómicos ocidentais para o trabalho de revisão dos calendários chineses e recomendou que convidassem os jesuítas Diego de Pantoja (1571-1618), Sabatino de Ursis (1575-1620), Niccolo Longobardi (1559-1654) e Manuel Dias para trabalharem no Tribunal de Astronomia (Zhang 1976: 35-38); então ele chegou a Pequim, onde começou a redigir a obra astronómica *Tian Wen Lue*. O livro foi concluído em 1614

³² Sobre a biografia de Manuel Dias, pode ver Louis Pfister (1932-1934) 106-111; Joseph Dehergne (1973) 76-77.

³³ Há investigadores que dizem que Manuel Dias tinha entrado na China em 1610. Mas Manuel Dias escreveu em setembro de 1616: «Até agora quinze annos que vim para passar da India. Estive tres em Goa, seis no Collegio de Macao, e outros seis na China dentro». (ARSI, Jap.-Sin., 17, f.10)

e publicado em 1615. Manuel Dias exerceu o cargo de Visitador da Vice-Província da China de 1614 a 1615. Foi para Macau durante a perseguição de Nanquim, em 1616. Em 1621, voltou para a China e viveu em Pequim até 1624. Entre 1625 e 1635 Manuel Dias foi vice-provincial da Companhia de Jesus na China, tendo percorrido sucessivamente Nanquim (1626), Songjiang, Hangzhou e Ningbo (1627), Nanchang (1634), Fuzhou (1638) e Yanping (1648). Exerceu outra vez o cargo de autoridade máxima da missão da China entre 1650 e 1654. Morreu a 4 de março de 1659 em Hangzhou, na Província de Zhejiang, aos 86 anos de idade. Manuel Dias passou quase meio século na China, sendo um dos jesuítas que se dedicou à causa evangélica por mais tempo no império chinês.

Tal como outros jesuítas durante as dinastias Ming e Qing, Manuel Dias foi considerado um dos jesuítas mais eruditos na China nos finais da dinastia Ming (Chen & Huang 1997: 103), sendo não apenas um missionário fiel, como também escritor e tradutor, deixando-nos uma rica bibliografia, por exemplo o referido livro astronómico *Tian Wen Lue*, a *Tradução Literal da Bíblia* e outras mais de dez obras redigidas em chinês, sendo a maior parte em relação a conhecimentos religiosos.

2. Breve apresentação sobre *Shengjing Zhijie*

A *Bíblia* que Manuel Dias utilizou para traduzir para chinês foi a edição latina, a *Vulgata*, traduzida do hebraico pelo teólogo São Jerónimo (340-420), a qual foi durante séculos a *Bíblia* padrão da Igreja Ocidental, desde a sua publicação, devido à sua linguagem acessível às massas populares.

A *Shengjing Zhijie* teve até hoje várias edições. A primeira foi em 1636, publicada em Wulintang em Pequim, com 695 páginas em 14 volumes, ainda com uma introdução e os índices. Desta primeira edição existem exemplares na Biblioteca Nacional de Paris e no Arquivo Nacional da Itália. A edição de 1642, conservada no Arquivo Jesuíta de Roma, na Biblioteca do Vaticano e no Arquivo Nacional da Itália, foi também impressa em Wulintang, em Pequim, com 695 páginas, mas divididas em 8 volumes, contando com uma introdução e os índices. A edição de Shitaitang, Pequim, impressa em 1790, existente na Biblioteca Nacional de Paris, no Arquivo Nacional de Itália, na Biblioteca da Igreja

Ocidental em Pequim e na Biblioteca Nacional da China, também tem 695 páginas divididas em 14 volumes e possui uma introdução e os índices. Na Biblioteca Nacional da China, ainda há edições mais modernas impressas em 1915, pela Editora Tushanwan de Xangai e, em 1930, pela Editora Yunzhoutang de Shandong, respetivamente (Wang 2017: 23-27).

O trabalho de Manuel Dias não é uma tradução de toda a *Bíblia*, mas apenas uma versão parcial dos quatro Evangelhos. Por um lado, fazer a tradução de toda a *Bíblia* seria um trabalho muitíssimo pesado e difícil, não apenas por ser uma obra muito grande e que exigiria muito tempo, mas também pelo facto de a língua latina ser uma escrita alfabética, enquanto que o chinês é composto por caracteres combinando fonética, forma e significado; por esse motivo, Manuel Dias quis apenas traduzir algumas partes que lhe pareciam fundamentais e importantes para a missão evangélica no contexto social chinês. Por outro lado, e talvez seja o motivo mais importante, ele estava bastante ciente de que se encontrava num império com uma longa história de mais de cinco mil anos, o qual já contava com a sua própria cultura predominante, completamente distinta da cultura religiosa que ele queria divulgar junto dos chineses. Se traduzisse toda a obra, seria possível que algumas doutrinas contrárias à cultura sínica provocassem uma forte oposição na sociedade chinesa; portanto, seria melhor escolher para a tradução apenas as partes mais fundamentais que não contrariariam a visão dos valores dos chineses, fazendo com que eles pudessem ter conhecimentos básicos da Lei de Cristo. Tal como explica ele próprio, o seu objetivo é fazer uma tradução e interpretação da *Bíblia* para relatar os feitos de Deus no sentido de estes não serem esquecidas, com a esperança de que todas as pessoas possam conhecer e adorar Deus, bem como a sua doutrina que é a única e verdadeira lei. Além disso, as pessoas podem aperfeiçoar-se após a leitura da doutrina de Deus, para que toda a gente possa conviver em harmonia, fazendo com que o mundo mantenha paz e prosperidade e os povos gozem de felicidade (Dias 2010: 17).

A versão utilizada para analisar neste texto é a versão fac-símile republicada pela Editora de Estudante de Taiwan em 1984, a qual é organizada em três partes: a tradução dos textos evangélicos, que é a parte principal, uma introdução redigida pelo próprio

tradutor e os índices no final. A tradução divide-se em 14 volumes³⁴. Cada volume indica o tradutor, os revisores e autorizações. O tradutor é Manuel Dias, mas os revisores e autorizadores são diferentes. Pode ver-se que a tradução de Manuel Dias é rigorosamente revista e que envolve o trabalho de vários missionários da Companhia de Jesus, tais como Adam Schall, Francisco Furtado, entre outros.

A parte da tradução é composta por duas secções: tradução e interpretação, como o próprio nome do livro indica, *Shengjing Zhijie*, isto é, *Shengjing* refere-se à *Bíblia*, enquanto *Zhijie* significa «tradução literal». A tradução dos textos evangélicos conta com conteúdos muito ricos, apresentando-se os conceitos básicos teológicos tais como o Senhor do Céu, Jesus, Evangelhos, Verdade, batismo, bênção verdadeira, encarnação, ressurreição, dias de domingo, dias de festa, etc.; as figuras principais, como os 12 apóstolos de Jesus, a mãe de Jesus, Maria Santíssima, etc.; os princípios e doutrinas da Cristandade, tais como amor, bondade, compaixão; a vida, morte e ressurreição de Jesus, as práticas bondosas de Jesus; os milagres feitos por Jesus; os ensinamentos de Jesus aos apóstolos e seguidores, entre outros.

Em cada volume, apresenta-se brevemente o conteúdo desta parte; indica-se o nome do dia de domingo ou de festa, traduzem-se os respetivos textos a recitar nesse dia e escreve-se em que Evangelho e capítulo se encontram os textos traduzidos. Os textos traduzidos são escritos com caracteres de grande dimensão e entre eles há notas redigidas com caracteres de menor dimensão para explicar o significado de algumas frases ou palavras traduzidas. Após a tradução, segue-se um outro texto chamado «zhen», que literalmente significa «advertência», mas de facto é «interpretação» e que serve para explicar de forma detalhada o texto traduzido antes, no sentido de facilitar um melhor entendimento dos evangelhos por parte dos leitores chineses que não tinham a menor noção da cultura católica. A parte da interpretação oferece explicações muito pormenorizadas da tradução, apresentando-se deste modo aos leitores muito mais informações em relação aos princípios e doutrinas da *Bíblia*.

³⁴ A organização dos volumes foi feita de acordo com o tempo litúrgico.

Na introdução, o padre explica aos leitores a origem da produção da *Bíblia*: «os apóstolos de Deus registam os assuntos da pregação de Jesus e divulgam-nos. Compilaram mais tarde um livro chamado *Bíblia Sagrada*, há mais de 1630 anos atrás» (Dias 2010: 17).

Salienta-se ainda, nesta parte, a autoridade do Senhor do Céu como criador de todas as coisas e o único Senhor do mundo, afirmando que todos os fenómenos no mundo não se devem à lei da Natureza, mas à ordem do Senhor, tal como comenta Manuel Dias: «O Senhor Jesus chama-se Dousi (Deus), sendo o senhor de todos os seres do Céu e da Terra. É Deus sem forma, invisível e infinito que existe em todo o lado» (Dias 1984: 1555). Na observação dele, Deus escolhe o homem como o chefe de todas as coisas porque é mais inteligente e entendido do que as outras coisas como animais e plantas, «com sentidos mas sem capacidade de entendimento» (Dias 2010: 17), motivo pelo qual o homem deve seguir Deus e observar a sua vontade. Explica que o Senhor desce do Céu para pregar a sua lei na Terra para ensinar e converter o homem porque «hoje em dia, existem várias religiões impuras e confusas que desviam as pessoas para os caminhos errados e tornam-nas degeneradas e sem bondade» (ibidem).

Utilizando um estilo popular de escrita na época, isto é, suscitar uma pergunta e dar uma resposta a seguir pelo próprio autor, ele demonstra que o Cristianismo é a religião verdadeira, única no mundo e, tal como o chefe de um país ou de uma família, como é que devem fazer para distingui-la das religiões falsas no sentido de seguirem a verdadeira religião e abandonarem as falsas. Na observação do sacerdote, é tão fácil fazer a distinção entre o Senhor e os demónios como a distinção entre o ouro e a pedra. Para a resposta, ele sugere quatro métodos para os leitores: primeiro, estudar minuciosamente as frases da *Bíblia*, afirmando que os ditos de Deus e as frases da *Bíblia* são tão puros e requintados como o ouro e que ensinam o homem a amar Deus no Céu e os seres humanos na Terra, ser bondoso e evitar maldade no sentido de obter uma felicidade eterna. Segundo, só o Senhor do Cristianismo é santo que cria todos os seres vivos do Céu e da Terra, enquanto que o chefe de outras religiões é um ser humano. Terceiro: os comportamentos tanto do Senhor como dos apóstolos são sagrados. Eles ensinam-nos a amar tudo e não ser

invejosos nem cobiçosos, muito menos matar. A intenção do Senhor é salvar o mundo e os seres humanos, o que não podem fazer outras religiões. Quarto, o Senhor tem cada vez mais apóstolos e seguidores, com uma conduta cada dia mais nobre e elevada, o que não pode alcançar qualquer outra religião. Diz que os leitores podem encontrar estes quatro métodos referidos na sua tradução, salientando que o Cristianismo é uma única religião verdadeira e a *Bíblia* regista a virtude e a conduta nobre do Senhor. Os leitores podem lê-los, aprendê-los a fim de conhecê-los até gostar deles, fazendo com que possam aperfeiçoar os seus ditos e comportamentos (Dias 2010: 18).

A última parte da obra são os índices, que constituem os primeiros índices de livro na China. «O primeiro livro chinês com um índice não foi produzido por chineses, mas pelo jesuíta português Manuel Dias que veio para a China nos finais da dinastia Ming (Kang 2002: 138). Os índices dividem-se em três partes: o de dias de domingo; o de dias festivos e o temático.

O índice de dias de domingo abarca os cinquenta e sete dias de domingo de todo o ano do Cristianismo, os quais se encontram nos volumes um a oito da obra, com o volume e páginas claramente indicados. O índice de dias festivos inclui vinte e nove de todo o ano da religião cristã, que estão nos volumes nove a catorze, indicando-se o volume e as páginas. A parte mais importante é o índice temático organizado por temas de acordo com os conteúdos evangélicos traduzidos; portanto pode dizer-se que é o resumo da obra. Há no total cento e trinta e dois temas neste índice, abrangendo os conceitos da Cristandade, *Bíblia* e os santos do Cristianismo e a ética e virtudes; com ele é fácil aos leitores não apenas conhecerem o conteúdo desta obra, como também encontrarem o tema que lhes interessa, pois se indica claramente tanto o volume como a página dos textos traduzidos de cada tema. A criação e introdução dos índices em livros chineses constituem não só um contributo importante, com o qual se inicia a história de livros com índices, como também um instrumento criativo para facilitar a pesquisa do conteúdo da obra, o que foi bem valorizado pelo estudioso Xu: «a obra caracteriza-se pelo seu índice. Foi com este livro que os livros de chinês começaram a ter índices» (Xu 2010: 17).

3. Estratégias de tradução e interpretação

Manuel Dias, que conhece bem o idioma, história e cultura chineses, sabe que a expansão e desenvolvimento do Budismo, que também é uma religião estrangeira na China, e sua integração na cultura chinesa inerente, baseia-se na tradução chinesa das escrituras budistas. Neste sentido, percebe muito bem que, para o Cristianismo conseguir entrar na China e ser aceite pelo povo chinês, tem de se deixar os chineses perceberem bem os princípios e doutrinas católicas, por isso, traduzir a *Bíblia* constitui a melhor maneira direta, pelo facto de ser a obra clássica mais importante da Lei de Cristo, que contém os princípios e doutrinas fundamentais da Cristandade. Entretanto, a tradução é uma atividade social, que utiliza a língua como veículo. Neste sentido, a adaptação ao contexto social é particularmente importante para diminuir a diferença cultural entre a cultura católica e a cultura sínica. Para falar mais precisamente, a tradução tinha de adaptar-se à realidade chinesa e conformar-se à cultura tradicional chinesa, nomeadamente o confucionismo, que é considerado como a cultura ortodoxa da sociedade chinesa. Para diminuir a diferença entre cultura heterogénea ocidental e cultura local, tanto quanto possível, precisa-se da estratégia de tradução do tradutor. Orientado pela política de acomodação cultural e missão acadêmica levada a cabo pela missão evangélica na China desde Ricci, a tradução de Manuel Dias demonstra plenamente as estratégias tanto para uma melhor divulgação do Cristianismo como para a aproximação da cultura sínica.

3.1. A domesticação³⁵ estilística e linguística

Dado que o jesuíta opta por um caminho de entendimento cultural no sentido de alcançar o objetivo de transmitir as doutrinas da *Bíblia*, a sua tradução caracteriza-se pela estratégia da domesticação estilística e linguística, isto é, utilizar o estilo e a estrutura das

³⁵ O método de domesticação vem de inglês “domesticating method”, expressão proposta pelo teórico americano da tradução Lawrence Venuti para definir a adequação ou conformação linguística ou estilística às práticas locais.

palavras na tradução recorrendo à estrutura estilística da cultura chinesa. No caso da tradução de Manuel Dias, escolheu o estilo e a linguagem dos letrados porque, logo no início, a Companhia de Jesus liderada por Ricci definiu a política de converter primeiro a classe elitista chinesa, pelo que os leitores alvo da tradução eram os letrados e a tradução utilizava o estilo e linguagem adaptados ao gosto do meio académico chinês.

Em primeiro lugar, o título da obra tem as características de um «jing», isto é, um «clássico», para mostrar que a obra traduzida tem o mesmo *status* dos clássicos chineses, tal como comenta o estudioso belga Standaert: «Com a utilização do carácter ‘jing’, eles (os jesuítas) mostram, por um lado, que existe uma tradição da produção de clássicos no Ocidente, por outro lado, procuram fazer os livros cristãos terem o mesmo *status* como os ‘jing’ confucionistas e budistas»(Standaert 1999: 46). Os «jing» são os livros confucianos legalizados pelo governo feudal chinês, constituindo uma ferramenta de governo e educação ideológica e cultural. Os «jing» registam os pensamentos, palavras e ações dos santos, sendo o padrão de comportamento para o povo e as normas sociais. Na observação do jesuíta francês Joseph de Prémare (1666-1736), os «jing» caracterizam-se pela antiguidade, significação misteriosa e linguagem elegante e clara (Prémare 1831: 188). Na opinião de Manuel Dias, a *Bíblia* conta com “mistérios” e foi redigida há mais de 1630 anos atrás (Dias 2010: 17). Traduzir a *Bíblia* ao estilo dos clássicos confucianos poderia ser apreciado pela classe letrada chinesa. Portanto, denominar-se a tradução como um «jing», por um lado, podia adaptar-se ao gosto dos letrados chineses e podia estabelecer, por outro lado, uma relação entre os clássicos confucionistas e a *Bíblia*, no sentido de destacar não só a erudição e elegância da tradução, como também demonstrar a sua autoridade como um modelo de virtude e conduta. «Eles (os jesuítas) tomaram as escrituras sagradas do cristianismo como os ‘jing’, o que refletia claramente a sua estratégia missionária de acomodação» (Standaert 1999: 46).

Além do título da sua tradução, o padre jesuíta, que estava muito ciente da posição predominante dos clássicos confucianos na cultura chinesa, imita intencionalmente o estilo de escrita do conhecido *Livro de História*, tentando tornar a sua obra como um

clássico sagrado. O estudioso Chen disse que Manuel Dias imitava o estilo «Mo Gao» do *Livro de História* (Chen 2009: 493).

O jesuíta vivia na China há muitos anos e sabia muito bem que o *Livro da História* é um dos Cinco Clássicos confucianos, que constituía um dos livros obrigatórios dos letrados chineses e uma das matérias de exames imperiais da China antiga. *Mo* é um dos estilos de escrita do *Livro de História*. Os textos deste estilo no *Livro da História* tratam principalmente dos diálogos entre os soberanos e os seus súbditos em relação à política e virtude, pelo que *Mo* se considera “estratagema” e os textos do estilo *Mo* são tomados como atas de reunião de assuntos políticos (Qian & Du 2004: 63). *Gao* é um outro estilo de escrita do *Livro de História* que Manuel Dias imitou para a produção da sua tradução. «Gao, quer dizer, informar. Informar as coisas ao povo, avisá-lo repetidamente para que toda a gente tome conhecimento do assunto» (Zhang 2011: 10). *Gao* é um estilo com mais textos no *Livro de História*, cujo conteúdo é muito rico, podendo ser: um relato de reprimir uma insurreição; um conselho para administrar o povo; um ensaio sobre o sistema de mandarinato; sistema de nomeação de mandarins, entre outros (Chen 2007: 146). Quer o estilo *Mo* quer o *Gao* caracterizam-se pela escrita elegante e clássica. É evidente que o padre Dias queria que a sua tradução fosse tão elegante como o *Livro de História* fazendo com que os letrados gostassem de lê-la e estudá-la e, até, de a tratarem como os seus livros clássicos. Deve-se dizer que o jesuíta alcançou o seu objetivo de acordo com o comentário de estudiosos chineses: «Este livro interpretou os dias de domingo de todo o ano com as notas explicativas; apresentou de forma detalhada e clara os dias festivos do ano, sendo elegante e clássico o estilo da escrita. É realmente um bom livro» (Xu 2010:17).

Utiliza também a estratégia de domesticação linguística na tradução dos Evangelhos. No entanto, de acordo com a política da Companhia de Jesus, os sacerdotes pretendiam converter primeiro os letrados e finalmente o imperador: «o objetivo é ganhar a amizade daquela classe mais educada a fim de aproximar pouco a pouco a Corte imperial...» (Gernet 2003: 16). Portanto, Manuel Dias foca o seu leitor alvo na classe dos mandarins letrados, ou seja, a classe de poder e representante da classe governante que exerce uma

influência grande na camada inferior da China. A sua tradução destina-se nomeadamente a agradar aos letrados, pelo que usa uma linguagem clássica erudita, abstrusa e difícil de compreender, além de ter o vocabulário e expressões idiomáticas do confucionismo, tentando salientar uma imagem de grandiosidade, elegância e erudição.

Faz a tradução de propósito na linguagem dos letrados, ou seja, o chinês clássico escrito. No aspeto sintático, recorre ao estilo típico da escrita clássica chinesa. Pode-se encontrar bastantes frases típicas interrogativas de textos clássicos, que terminam com um carácter tal como «hu (乎)», «me (么)», «yan (焉)», «zai (哉)». Estes caracteres não têm significado, sendo apenas partículas auxiliares que servem como símbolo de interrogação. Ainda em relação às frases interrogativas, utiliza o carácter «he (何)» para perguntar «o que...», «de que» e «onde». Nas frases afirmativas, emprega o tipo de frases terminadas com a partícula auxiliar «ye (也)», que também é o símbolo do chinês escrito clássico, já raramente visto na língua chinesa moderna.

A característica mais distinta da literatura chinesa clássica é o emprego das chamadas «partículas auxiliares» (СергѣйЕвгѣньевичЯхонтов 1986: 57). Na opinião do mesmo estudioso, as partículas auxiliares mais usadas do chinês clássico são: «qi (其)», «zhi (之)», «ci (此)», «suo (所)», «nai (乃)», ... (Ibidem 58). Todas estas partículas auxiliares podem ser constatadas na tradução de Manuel Dias. «Na tradução dos Quatro Evangelhos, mantém-se fiel ao texto original em chinês clássico. Escreve na linguagem escrita, exceto alguns casos, sendo a maioria da tradução usada com partículas auxiliares, que são as características do chinês clássico»(Wang 2017: 87). Além destas partículas auxiliares, usam-se também palavras plenas, ou seja, carácter com significado concreto, do chinês clássico, tais como «yue (曰 falar)», «wei (謂 chamar)», «yi (伊)» para referir a terceira pessoa, «ru (汝)» para tratar de «tu» ou «você», entre outros. A escrita clássica salienta a retórica, pelo que este padre presta muita atenção à expressão das ideias católicas, optando por utilizar locuções compostas de quatro caracteres, que é a característica de provérbio chinês, embora alguns não sejam provérbios, por exemplo «hu zhi kuangye (乎之旷野

)» , «yi zhi zhu tu (以治主途)»³⁶. Para demonstrar que o livro dele é elegante, solene e grandioso, emprega ainda caracteres pouco utilizados pelas pessoas comuns, com sentido profundo e difícil de compreender, no sentido de demonstrar a erudição da tradução.

Concluindo, Manuel Dias, recorrendo à estratégia de domesticação de estilo e linguagem, por um lado, manifesta a estética linguística da tradução e demonstrando os seus sólidos conhecimentos tanto linguísticos como literários, por outro lado, tenta transmitir aos leitores, nomeadamente à classe letrada, que a cultura católica é traduzível, podendo ser expressa claramente na sua língua de modo a ser compreendida e aceite. A aproximação ao estilo e linguagem sínica constitui uma das estratégias de tradução de Manuel Dias, sendo o resultado da sua escolha mediante a política de acomodação cultural levada a cabo pela Companhia de Jesus.

3.2. Estratégia de adaptação à cultura sínica

Tendo vivido muitos anos na China, Manuel Dias estava muito ciente de que a China Ming já contava com uma cultura muito rica e a camada letrada estava profundamente influenciada pela cultura confuciana e orgulhosa, ao mesmo tempo, de Confúcio e do confucionismo. Na tradução e interpretação dos Evangelhos, ele esforça-se para estabelecer um diálogo e um entendimento entre o Cristianismo e o confucionismo, tentando transmitir uma teologia cristã sinizada. Sabe-se que, no império chinês, os valores culturais têm de ser achinezados para serem amplamente aceites, como acontece às outras religiões estrangeiras, como o Budismo. Neste sentido, adota a estratégia de adaptação à cultura confucionista para aproximar, de propósito, a visão de valores confucionistas no sentido de as doutrinas católicas serem aceites pela classe letrada chinesa, a fim de alcançar o objetivo de converter os letrados. Assim, escolhe com cuidado os conteúdos a dar a conhecer aos chineses, nomeadamente os pensamentos correspondentes à virtude e à visão dos valores da classe intelectual chinesa.

Ao apresentar os conceitos e doutrinas católicas, procura, tanto quanto possível, os conteúdos que aproximam mais a cultura tradicional chinesa, sobretudo os pensamentos

³⁶ Eu sou a voz de quem grita no deserto: “Endireitai o caminho para o Senhor!” (João 1:23).

defendidos pelo confucionismo, fazendo com que os leitores chineses tivessem a sensação de que havia semelhança entre os princípios cristãos e os seus pensamentos..

Ser bondoso e praticar o bem é uma das virtudes tradicionais da China desde a época do imperador Shun (2187 a.C. - 2067 a.C.), que defendia a virtude de promover bondade e evitar maldade. Confúcio defende fazer benevolência ao povo e ajudar todos. Na tradução, a bondade e misericórdia da Cristandade são um tema que Manuel Dias transmite muito aos leitores, salientando as práticas bondosas de Jesus. «Senhor, o meu criado está de cama, lá em casa, paralisado e sofrendo demais». Jesus respondeu: «Vou curá-lo» (Mateus 8:6-7). Quando Jesus passou por dois cegos a pedir-lhe para recuperar-lhes a vista, ele «teve compaixão e tocou nos olhos deles. Imediatamente recuperaram a vista e passaram a segui-lo» (João 6:2).

É por causa do bem que Jesus faz que tem cada vez mais seguidores, o que está referido várias vezes na tradução: «Uma grande multidão o seguia, vendo os sinais que ele fazia a favor dos doentes (João 6: 2), o que corresponde ao dito de Confúcio: «será adorado e terá seguidores por todo o lado se for bondoso e amável» (Confúcio *Analectos*). Ensina-se ainda que só podem ter frutos os que tenham o coração bom e obedeçam as regras. «O que caiu em terra boa são aqueles que, ouvindo com um coração bom e generoso, conservam a palavra e dão fruto pela perseverança» Lucas 8:15). O Senhor ensina as pessoas a praticar o bem, afirmando que «aqueles que fizerem o bem ressuscitarão para a vida; e aqueles que praticaram o mal, para a condenação» (João 5: 29). Isso corresponde à ideia de um provérbio chinês: «Cada um colhe segundo o que semeia».

Na interpretação do jesuíta, o Cristianismo convenceu as pessoas a segui-lo com a sua doutrina de bondade e misericórdia (Dias 1984: 2982). A benevolência, que é o pensamento nuclear do confucionismo, é tomada como uma virtude importante, na opinião de Manuel Dias, afirmando que se não tiver a benevolência, não pode ser chamado um homem (Dias 1984: 3042-3043), ensinando toda a gente: «Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.» (Lucas 6: 36) De acordo com Confúcio, a benevolência é amar os outros. Na tradução, pode ver-se que «ter amor a

tudo» constitui um princípio essencial, sendo o maior e o primeiro mandamento do Cristianismo. Quando um doutor da Lei perguntou a Jesus qual era o maior mandamento da Lei, este respondeu-lhe: «Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o entendimento!» (Mateus 22: 37) O segundo mandamento é semelhante, isto é, «amarás o teu próximo como a ti mesmo», acentuando que «toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos». (Mateus 22: 39-40) Esses mandamentos também se encontram na tradução do Evangelho de Lucas: «Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a alma, com toda a tua força e com todo o entendimento; e teu próximo como a ti mesmo» (Lucas 10: 27). Além disso, deve ter-se compaixão e perdoar os outros. «É assim que o meu Pai que está nos céus fará convosco, se cada um não perdoar de coração ao seu irmão» (Mateus 18: 35).

Embora o Cristianismo defenda que Deus é o único Senhor de todo o mundo, a quem toda a gente deve obedecer, o padre jesuíta diz ainda que se deve obedecer às ordens dos pais, pois sabe que, na China, a piedade filial é a primeira entre as cem bondades. Refere ainda uma virtude muito importante para os chineses, isto é, a modéstia: «As pessoas modestas desprezam a maldade. Na concorrência numa posição alta, os modestos vencem sempre os vaidosos» (Dias 1984: 3029). Na observação do jesuíta português, os modestos estão dispostos a praticar o bem, cuja intenção sempre é boa, por isso, obtêm a ajuda do Senhor do Céu: «Quando os modestos andarem por baixo, o Senhor ajuda-os a andar por alto. A modéstia constitui uma entrada na Cristandade, pelo que é fácil para os modestos ter acesso ao Cristianismo (Ibidem).

Diz o sacerdote jesuíta que a porta do paraíso é pequena, mas os modestos podem entrar com facilidade. Os bondosos são modestos, tal como comenta: «Os modestos procuram a modéstia, enquanto que os malévolos lutam por posição» (Ibidem). Isso também se diz no Evangelho de Lucas: «Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado» (Lucas 14:11). Neste aspeto, realça que o Senhor é modesto, pelo que se deve aprender dele, pois os modestos são honrados: «Quanto sejam mais modestos, serão mais nobres» (Dias 1984: 3029). Além disso, o Senhor promete aos modestos realizações para que possam manter a sua modéstia.

Cultivar-se, administrar o país e honrar o mundo pacífico são os desejos que Confúcio procura por toda a vida, constituindo também os pensamentos fundamentais da cultura tradicional chinesa. Os letrados confucionistas defendem uma relação pacífica e harmoniosa entre as pessoas, tentando criar um mundo pacífico, justo e harmonioso. Podemos encontrar esses pensamentos semelhantes na tradução de Manuel Dias: «Todo o reino dividido internamente será destruído; cairá uma casa sobre a outra» (Lucas 11: 17). Jesus ensina aos seus discípulos que não podem matar outros. «Ouvistes que foi dito aos antigos: ‘Não matarás’! Quem matar deverá responder no tribunal» (Mateus 5: 21). Além disso, deve dar-se bem com os irmãos, ensinando os discípulos que «todo aquele que tratar seu irmão com raiva deverá também responder no tribunal; quem disser ao seu irmão ‘imbecil’ deverá responder perante o sinédrio; quem chamar seu irmão de ‘louco’ poderá ser condenado ao fogo do inferno» (Mateus 5: 22).

Dos exemplos acima referidos, pode constatar-se que o tradutor escolhe os textos evangélicos que aproximam a cultura tradicional chinesa, tentando demonstrar que as doutrinas cristãs não contrariam os pensamentos chineses, são até semelhantes aos princípios confucianos. Além disso, na interpretação das atividades evangélicas dos apóstolos, cita histórias chinesas como «Grande Yu Controla Cheias» e «Passar por Casa Três Vezes sem Entrar», com o objetivo de elogiar os apóstolos que se dedicam à causa evangélica:

...(os apóstolos) deixam a casa para praticar o bem aos seres humanos, não é uma boa qualidade moral? Por exemplo, Yu, obedecendo à ordem do imperador Shun, não comunica como os familiares nem com a autorização deles, ficando oito anos fora de casa (para controlar as cheias), sem entrar em casa mesmo passando por lá três vezes. (Dias 1984: 2666)

O padre jesuíta tenta utilizar as histórias conhecidas por toda a gente na China para interpretar o sublime espírito de abnegação dos missionários dedicado à sua grande causa fora de casa como «Yu» da China, no sentido de suscitar a sensação comum e conseguir a compreensão dos chineses em relação à empresa da Cristandade.

Deve dizer-se que a estratégia de acomodação cultural na tradução e interpretação promove a interação e a fusão entre a cultura cristã e a cultura sínica, diminuindo a distância entre o mundo cristão e o povo chinês, nomeadamente os letrados.

3.3 Transmissão da cultura católica sob a estratégia de acomodação cultural

A tradução da *Bíblia* insere-se no contexto da missão evangélica da Companhia de Jesus na China, constituindo uma das políticas postas em prática por esta ordem religiosa com o objetivo de alcançar sucesso na sua empresa de conversão no império chinês. «A identidade do tradutor-intérprete decide o seu objetivo e estratégia de tradução» (Ren 2007: 344). O objetivo de Manuel Dias é muito claro, isto é, divulgar as doutrinas cristãs para satisfazer a necessidade de pregação religiosa. Assim, procura transmitir os conceitos e doutrinas fundamentais da Lei de Cristo, baseando-se no princípio da acomodação cultural e destacando sobretudo o espírito de salvação e a bondade do Senhor do Céu.

Em primeiro lugar, esforça-se por construir uma imagem nobre, bondosa, virtuosa de Jesus, como o Senhor que cria todas as coisas e que pode e está disposto a salvar tudo. Ao apresentar o seu nascimento e crescimento, diz aos leitores claramente que a mãe de Jesus chama-se Maria, que é prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi (Lucas 1: 27), «que será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai» (Lucas 1: 32). Salienta a inteligência do menino Jesus: «O menino foi crescendo, ficando forte e cheio de sabedoria. A graça de Deus estava com ele» (Lucas 2: 40), pelo que «todos aqueles que ouviram o menino ficavam maravilhados com sua inteligência e suas respostas» (Lucas 2: 47). Indica-se que Jesus nasceu para salvar o mundo, como regista o Evangelho de João: «Pois Deus enviou o seu filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele» (João 3: 17), realçando o amor de Deus para com o mundo e aconselhando o homem a crer em Jesus: «De facto, Deus amou tanto o mundo, deu o seu filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3: 16).

Os milagres que Jesus faz são os pontos que o padre traduz mais. O primeiro milagre que fez foi mudar a água em vinho quando foi convidado para um casamento em Caná da Galileia. Ao saber que faltava o vinho, Jesus disse aos serventes para encherem as talhas de água e, depois, tirarem a água e levarem-na para o encarregado da festa, que «provou da água mudada em vinho, sem saber de onde vinha. Com esse milagre, Jesus manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele» (João 1: 11). Uma vez, Jesus e os seus discípulos encontraram uma grande tempestade. Os discípulos ficaram com muito medo, então pediram a Jesus para salvá-los. Jesus repreendeu os ventos e o mar que logo se acalmaram, o que admirou muito as pessoas. Também há bastantes exemplos do que Jesus faz para curar pessoas de doenças, moléstias, espíritos malignos, recuperar a vista dos cegos, audição dos surdos, a fala dos mudos. Uma vez, quando Jesus passou por Sidónia até ao mar da Galileia, trouxeram-lhe um homem que era surdo³⁷ e mal podia falar. Jesus levou-o à parte, longe das pessoas, pondo os dedos nos seus ouvidos e colocando saliva na sua língua. Os ouvidos do homem logo se abriram, a sua língua soltou-se e começou a falar corretamente. As pessoas, cheias de admiração, diziam, «Tudo ele tem feito bem. Faz os surdos ouvirem e os mudos falarem». Porém, «Jesus recomendou, com insistência, que não contassem o ocorrido para ninguém. Contudo, quanto mais ele insistia, mais eles o anunciavam» (Marcos 7: 31-37). Jesus tem tanta força maravilhosa que pode até ressuscitar os mortos. Uma vez, numa cidade chamada Naim, Jesus e os seus discípulos encontraram um morto a ser enterrado. A sua mãe chorava muito porque era o seu filho único. Jesus encheu-se de compaixão por ela e disse-lhe que não chorasse. Jesus tocou no caixão e ordenou ao jovem morto para se levantar. O morto sentou-se e começou a falar. Todos ficaram maravilhados e disseram «Um grande profeta surgiu entre nós; Deus veio visitar o seu povo» (Lucas 7: 11-16).

A lealdade é um tema muito apreciado na Bíblia. O padre Manuel Dias traduziu vários textos neste aspeto, entre os quais, há um muito interessante.

³⁷ A fonte conhecida refere um cego.

Havia também uma profetista, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Ela era de idade avançada. Quando jovem, tinha sido casada e vivera sete anos com o marido. Depois ficara viúva e agora já estava com oitenta e quatro anos. Não saía do templo; dia e noite orava a Deus com jejuns e orações. (Lucas 2: 36-37).

Na China antiga, uma mulher só podia ter um marido e nunca mais casava se o marido morresse, como na história acima referida. Contudo, Manuel Dias transmite-nos uma outra ideia, isto é, ter lealdade a Deus além de ser fiel ao marido.

Traduziu ainda os textos para apresentar os feitos de Jesus em todos os aspetos, sacrifícios dele em benefício do mundo, entre outros, no sentido de criar a imagem nobre do Senhor do Céu, fazendo com que os chineses acreditem nele e aceitem as suas doutrinas. O padre escolhe com cuidado o conteúdo a traduzir, pois evita falar sobre coisas de que não se gosta na sociedade chinesa, como, por exemplo, concubinato, pois sabe que, na China antiga, os letrados tinham o costume de ter concubinas em casa.

Conclusão

A tradução dos quatro Evangelhos da *Bíblia* levada a cabo pelo missionário Manuel Dias é um ato criativo no processo de pregação das doutrinas cristãs, constituindo um marco fundamental tanto na história de tradução da *Bíblia* para chinês, como nas relações sino-ocidentais, a nível cultural e linguístico.

Optou pela estratégia de acomodação cultural na tradução e interpretação dos princípios e doutrinas católicas do ponto de vista estilístico, linguístico e ideológico, sobretudo para adaptar ao gosto da classe letrada por motivo de ter optado pela política de converter primeiro a camada elitista chinesa, com o objetivo de obter o apoio dos mandarins para as suas atividades missionárias no império chinês. Embora a sua tradução resultasse de necessidade de missionaçã, escolhe com cuidado os textos a traduzir e interpretar e tentou transmitir os conceitos e doutrinas católicas ao mundo chinês de modo achinesado. Demonstra aos leitores chineses que há semelhanças entre a cultura cristã e a cultura tradicional chinesa, nomeadamente a cultura confuciana, pois os princípios e

doutrinas cristãs são traduzíveis para a língua sínica e as duas culturas não são contraditórias.

Por outro lado, a tradução dele enriquece a cultura chinesa. O estudioso chinês Ji Xanlin tomava a cultura chinesa como um longo rio, dizendo que se este não se esgota é devido ao ingresso sucessivo de águas novas, entre as quais a maior é a do Ocidente mediante tradução, que se refere aos conhecimentos científicos e doutrinas religiosas traduzidas nos finais da dinastia Ming e nos inícios da dinastia Qing (Lin 1997: "Prefácio"). A versão chinesa da *Bíblia* dá a conhecer aos chineses uma cultura religiosa ocidental, além de apresentar na China bastantes palavras novas, tais como «tianzhu (天主 Senhor do Céu)», «shengmu (圣母 Santa Maria)», «fuyin (福音 evangelho)», entre muitas outras, enriquecendo deste modo o vocabulário chinês, palavras que se usam até aos nossos dias. Outro contributo muito importante para a cultura chinesa é ter criado o primeiro índice para os livros chineses, cujo modelo é utilizado na atualidade.

Em suma, a tentativa de Manuel Dias é um contributo criativo e ousado, tanto na perspetiva linguística como cultural. A sua obra promove a interação e encontro da cultura ocidental e a sínica, contribuindo não apenas para a missão evangélica da Companhia de Jesus na China, como também permanecendo marcado como um trabalho importante e memorável de interculturalidade.

Referências

- Сергѣй Евгѣньевич Яхонтов (1986). "Língua Escrita e Língua Oral do Chinês do Sec. VII a Sec. XIII". *Estudo de Chinês* 4.
- CHEN, Yun (2007), "Shangshu Shiti de Wenti Jiazhi" ("Valor Estilístico de Dez Estilos do Livro da História"). *Journal of Social Science de Hunan* 3.
- CHEN, Zhanshan & HUANG Dingping (1997). "Estudos sobre os Jesuítas Portugueses na China dos Sec. XVI a XVIII". *Revista da Cultura de Macau* 32.
- DIAS, Manuel de (1984). *Tianzhujiao Dongchuan Wenxian (Documentos Transmitidos para Oriente do Cristianismo)*. Vols. 4, 5 e 6. Tanwai: Editora de Estudante.
- GERNET, Jacquest (2003). *China e A Religião Cristã*. Shanghai, Editora de Clássicos.

KANG Zhijie (2000), "Yibu You Ouzhou Chuanjiaoshi Bianzhuang De Suoyin – Ping Yang Manuo De Shengjing Zhijie Zashi Zhi Mulu" ("Um Índice Compilado pelo Missionário Europeu – Abortagem sobre o Índice da Tradução Literal da Bíblia de Manuel Dias"). *Estudo de Dicionários* 4: 138-142.

LEITÃO, Henrique (2008). "The Contents and Context of Manuel Dias Tianwenlue". Em Luis Saraiva and Catharine Jami, eds. *The Jesuits, the Textual Padroado and East Asian Science (1552-1773)*: 99-121.

LI SHIXUE (2002), Comunicação do *Segundo Simpósio sobre a Bíblia e a Cultura Chinesa* realizada na Universidade Católica Fujen de Taiwan.

LIN, Huangtian (ed.) (1997). *Zhongguo Fanyi Cidian (Dicionário de Tradução da China)*. Wuhan, Editora de Educação de Hubei.

MAGONE, Rui (2008). "The Tradition of Manuel Dias's Tianwenlue". Em Luis Saraiva and Catharine Jami, eds., *The Jesuits, the Textual Padroado and East Asian Science (1552-1773)*: 123-138.

PRÉMARE, Joseph (1831), *Notitia Linguae Sinicce*. Malacca, Cura Collegii Anglo-Sinensis.

QIAN, Zongwu & DU Chunzi (1994). *Shangshu Xinjian yu Shanggu Wenming (Novas Notas sobre o Livro da História e Civilização Antiga)*. Beijing, Editora da Universidade de Beijing.

REN, Dongshen (2007). *Shengjing Hanyi Wenhua Yanjiu*. Wuhan, Editora de Educação de Hubei.

RICCI, Matteo & Nicolas Trigault (1986). *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*. Versão chinesa de LIU Junyu & WANG Yuchuan. Taiwan, Editora Guangqi e Editora da Universidade Furen.

STANDAERT, Nicolas (1999). "The Bible in Early Seventeenth - Century China". Em Irene Eber et al. (eds). *Bible in Modern China: The Literary and Intellectual Impact. Monumenta Serica Monograph Series 43*. Sankt Augustin, Institut Monumenta Sefica.

WANG Shuofeng (2017). *Zaoqi Hanyu Shengjing Duikan Yanjiu (Estudo Comparativo sobre as Primeiras Versões Chinesas da Bíblia)*. Beijing, Editora da Documentação Social e Científica.

WITEK, J.W., S.J. (dir.) (2001). *Dicionário de Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci*. Lisboa, Biblioteca Nacional.

XU, Zongze (2010). *Mingqing Jian Yesu Huishi Yizhu Ti Yao (Resumo das Traduções de Jesuítas das Dinastias Ming e Qing)*. Shanghai, Editora de Livraria de Shanghai.

Orientes do Português, v. 5, p. 133-156
<https://doi.org/10.21747/27073130/ori5a8>

ZHANG, Huang (2011). *Tushu Bian* ("Antologia de Livros"). Yangzhou, Editora de Guangling.

ZHANG, Tingyu et alii (1976). *Antologia de Documentos Astronómicos de Todas as Dinastias*. Beijing, Companhia de Livros.

<http://www.ubs-translations.org/>